

ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO: GENEROSIDADE, CORAGEM E UM (MUITO) ESPECIAL SENSO DE HUMOR

Maria de Lourdes Ferreira¹



Meu grande respeito, carinho e admiração pela professora Ana Maria de Almeida Camargo, bem como o reconhecimento pelo trabalho da ARQ-SP, tendo à frente Ana Célia Navarro de Andrade me obrigam, mesmo em condições adversas, a escrever este texto. Muito difícil porque fazê-lo é admitir a realidade de sua perda, que ocorreu durante uma de minhas internações hospitalares, cinco nos dois últimos anos. Na última, no mês passado, para uma cirurgia de emergência.

Mas o fato de não ter podido junto com meus colegas e amigos, seus alunos e ex-alunos, homenageá-la e chorar sua perda, como fizemos quando, há tão pouco tempo

¹ Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e Especialista em Organização de Arquivos pelo IEB/ECA da mesma universidade. Professora convidada na FESPSP - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e na Escola SENAI Theobaldo de Nigris. Atuou como documentalista e historiadora no Centro de Memória de Diadema (Secretaria de Cultura, PMD), de 1996 a 2022.



atrás, perdemos a professora Heloísa Bellotto, é mais um motivo para registrar estas lembranças.

Não fui aluna da Professora Ana Maria na graduação, eu a conheci no Arquivo do Estado de São Paulo. Nessa época, a Associação dos Arquivistas Brasileiros - Núcleo Regional de São Paulo, realizou uma série de Oficinas do Projeto Como Fazer. E foi também nessa época, depois de um Congresso Brasileiro de Arquivologia em João Pessoa que se constituiu a ARQ-SP (Associação de Arquivistas de São Paulo), em 1998. Datam deste evento minhas primeiras lembranças marcantes da professora Ana Maria. Era uma noite fria e chuvosa. Lembro de sua voz, no auditório do Arquivo do Estado, lendo o estatuto da ARQ-SP (Associação de Arquivistas de São Paulo) para ser aprovado.

No segundo semestre do ano 2000, Ana Maria propôs uma disciplina para seus alunos do Mestrado, chamava-se “Documentos & Documentos”. Mas abriu a possibilidade para interessados no tema cursarem como “Ouvintes”. A proposta do curso e a bibliografia eram instigantes. Eu me inscrevi, assim como Marcia Pazin, que conheci nesta oportunidade. Foi excelente. O curso foi preparado com todo o rigor e cuidado próprios da professora Ana Maria. Era uma turma pequena, as aulas eram em volta de uma mesa em uma das salas da sede da ARQ-SP, nesta época um espaço no térreo do Prédio da História e Geografia, compartilhado com a ANPUH - Associação Nacional dos Professores Universitários de História. Cada aluno (inclusive os ouvintes) apresentaria um seminário com um dos textos do curso. As discussões foram ótimas.

Os alunos ouvintes estavam dispensados da prova final da disciplina, mas a professora Ana Maria pediu que eu fizesse a prova. Aqueles pedidos que são uma ordem.... Então “dei uma falta abonada no trabalho” para rever todos os textos e fiz a prova. Sempre admirei as provas preparadas pela Ana Maria. Como conseguia “amarrar” todas as temáticas do curso, propondo questões que exigiam leitura e reflexão de todos os textos da bibliografia. Feita a prova, no dia marcado para conhecermos os resultados ela sugeriu que eu me inscrevesse no mestrado, tinha uma vaga. Não fazia parte de meus planos na época, tinha ingressado no mestrado muitos anos atrás, completei todos os créditos, mas abandonei o curso por questões familiares. Entretanto era difícil dizer não para a Ana. Passei pelas primeiras fases e no dia da entrevista, ao entrar na sala, junto da



professora Ana Maria, estava a professora Heloísa Bellotto. Então Ana Maria disse que o rapaz que saía da sala antes de mim (era o Renato Tarciso Barbosa) tinha sido seu orientando no mestrado e ela obrigatoriamente ia aceitá-lo no doutorado. Mas a Heloísa seria minha orientadora. Como eu sempre disse, ela me colocou “no colo” da querida professora Heloísa. Além disso colocou sua biblioteca à disposição para pesquisa sempre que precisasse, como se fosse sua orientanda. E eu, de fato estive muitas vezes em seu apartamento pesquisando em sua biblioteca e além disso, como os outros orientandos, saía sempre com livros que ela recebia em duplicata (ou mais) e que ela incentivava a ver o que nos interessava. Naquela época chamava o lugar de “quartinho”:

- Veja se tem alguma coisa que interessa no “quartinho” ... Sempre tinha!

Cursei durante o mestrado outra edição da Disciplina “Documentos & Documentos”, que a professora Ana Maria continuava oferecendo, sempre com novos autores e propostas instigantes. Dignos de grande admiração, o cuidado, a dedicação, poderia dizer até a “sofisticação” com que preparava as disciplinas que oferecia.

Foi também um privilégio tê-la na minha banca de qualificação.

Penso que até agora falei da sua coragem, mas sobretudo de sua generosidade. Mas a professora Ana Maria era multifacetada. Sua formação em História e seu interesse e dedicação aos arquivos, seu espírito investigativo e criador, constituíram um legado de estudos, reflexões e de inovações nesta área.

Foi o que ocorreu com a Oficina sobre Arquivos Pessoais e a organização do Acervo de Adoniran Barbosa, em que desenvolveu com o grupo uma metodologia de organização que seria replicada em outros acervos.

Reticente na questão dos Centros de Memória, depois da experiência feita com o SESC Memórias, viu as possibilidades e diversas formas de organização dos acervos destas instituições.

O mesmo ocorreu com a organização do Arquivo Fernando Henrique Cardoso. Aliando sua experiência (desde a organização do Arquivo de Plínio Salgado, no Arquivo de Rio Claro), com as novas experiências como a organização do já citado Arquivo de Adoniran Barbosa, junto com Silvana Goulart desenvolveu a metodologia que foi



publicada com o título **Tempo e Circunstância:** a abordagem contextual dos arquivos pessoais, editado pelo iFHC, em 2007. Uma grande referência na área.

Ainda no quesito inovação, vale lembrar que o primeiro Dicionário de Terminologia Arquivística no Brasil, foi feito com sua coordenação junto com a professora Heloísa Liberalli Bellotto, em 1996 em São Paulo (pelo ainda Núcleo Regional de São Paulo, da Associação dos Arquivistas Brasileiros).

Quanto a sua coragem, hoje, o dia 31 de março, nos lembra de imediato sua participação no projeto Brasil Nunca Mais, que ela relatou no evento promovido no dia 30 de março de 2023, pelo Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, que tive oportunidade de assistir (está disponível no Youtube).

E no evento promovido em sua homenagem no Centro MariAntonia da USP, dia 7 de dezembro de 2023, "A presença de Ana Maria Camargo", os depoimentos de Amelinha Teles e de Vera Tokairin (as falas estão disponíveis no Instagram da instituição) reforçam sua participação corajosa (e sempre muito discreta) na luta pelos direitos humanos.

Assim era Ana Maria, sempre envolvida em novos projetos. Em uma de suas últimas falas lembro dos comentários sobre o uso da Plataforma Tainakan.

Lembro ainda que, antes da pandemia, em todos os finais de ano abria seu apartamento para reunir os alunos e ex-alunos da área de arquivos em um jantar também com a presença das professoras Heloísa Bellotto e Johanna Smit. Ela planejava retomar esses encontros em 2023.

Não houve tempo...

Mas as muitas e gratas lembranças da professora Ana Maria Camargo ficarão!

Malu/2024.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.

